

Fé é coisa que se tem ou não tem. A história que conto, me foi confiada por Dona Jurema, que tem 84 anos, em uma tarde de terça-feira. Estávamos sentados na sala de estar de sua casa, eu a espera de que Pai Benedito viesse em terra para enfim dar-me uma consulta, e nós, eu e ela, jogando conversa fora, ainda com certa dose de timidez típica dos contatos primeiros entre pessoas, por mais satisfatórias que tenham sido as primeiras impressões.

Falando das ricas águas que caminham na região, ela me disse da frequente aparição de uma divindade a quem chamam Mãe D'água. No tom que se usa para referir-se a Ela, nota-se o máximo respeito que se tem por este ser espiritual, que lamento já não mais habitar a região em decorrência da ação estúpida das gentes.

Conversa à dentro, Dona Jurema foi me contando os causos de aparição Dela, ora sob a forma de um canto muito bonito mata à dentro outrora por aparição visual. Me contou da vez em que elas e duas conhecidas suas foram banhar-se no “poço d'água”, lugar que até o momento não conheço e nem sei onde fica, e que, após terem emergido à superfície de um mergulho, viram a Mãe D'água repousando na pedra que existe ao centro das acumuladas águas.

Mas, fato é que a beleza do lugar atraiu visitantes, dentre eles, adeptos de doutrinas cujo culto à espiritualidade lhe é algo característico. E me conta que traziam presentes dos mais variados à Mãe D'água que eram largados no leito do poço, dentre as pedras, ao



que diz terem sido futilidades que o Espírito não via valor, “coisas que Ela não queria”, que trouxe tristeza ao seu coração.

Não teve jeito! Dona Jurema me disse que em uma determinada época as chuvas se avolumaram de tal modo que corriam violentamente nos riachos dali, enchendo por demasiado os escoamentos em níveis antes jamais visto, e, (sinto o pesar de suas palavras), me conta que nesta enxurrada foi-se embora para longe a Mãe D'água que habitava o bonito poço. Deixando saudade...

